

Shell aponta redução na conta do petróleo

JORNAL DO BRASIL

Londres — O presidente da Shell brasileira, Abel Carparelli, apresentou ontem estimativas de sua empresa segundo as quais o peso do petróleo importado sobre a demanda total de energia do Brasil cairá drasticamente até o fim desta década.

Carparelli fez uma detalhada conferência, com ilustrações, gráficos e números, para os 200 empresários que participaram de um seminário sobre oportunidades de negócios, promovido pela Embaixada e a Câmara Brasileira de Comércio na Grã-Bretanha. Além do sensível ponto da evolução da conjuntura política, que desperta aqui uma curiosidade acentuada, ele chamou a atenção porque tocou em outra das mais questionáveis áreas para o desenvolvimento do país, a longo prazo: petróleo e o balanço energético.

Óleo: 26%

O seminário foi aberto com pronunciamentos dos Ministros Kenneth Baker, da Indústria e Tecnologia da Inglaterra, e Camilo Penna. Nele falaram também os Srs Albano Franco, da Confederação Nacional da Indústria, o vice-presidente executivo do JB, Nascimento Brito, o presidente do Banco Econômico, Ângelo Calmon de Sá, e o presidente da FIESP, Luis Eulálio Bueno Vidigal.

Segundo Carparelli, a Shell estima que, até o fim desta década, o Brasil estará produzindo uns 600 mil barris de óleo por dia, e poderá conter as importações em um nível semelhante. Com o aumento dos recursos de outras fontes (carvão, biomassa, etanol, fontes hidrelétricas, etc.) isso equivaleria a reduzir o peso do petróleo na demanda total de energia a cerca de 26%.

A empresa vê, entretanto, algumas dificuldades para a expansão da produção de carvão (devido à baixa capitalização das mineradoras e às barreiras tecnológicas). Enfatizou o enorme potencial hidrelétrico do país. Disse que, atualmente, o Brasil está fazendo um esforço de exploração de petróleo maior que o do Mar do Norte (o que causou alguma surpresa). Estimou em 680 milhões de dólares os investimentos estrangeiros já realizados em contratos de risco.

Revelou que a dificuldade de melhorar a produtividade na exploração de cana é um problema eventualmente maior que o da extensão territorial dos cultivos ou a concorrência entre álcool e alimentos.

Capital de risco

Camilo Penna e Kenneth Baker, Ministros brasileiro e inglês, desenvolveram uma linha franca e abertamente cooperativa. Um repetiu o moto de sua viagem à Grã-Bretanha: o Brasil precisa de mais capital de risco. O outro disse que o Brasil oferecia, no longo prazo, "um perfil vencedor" e lamentou que a fatia inglesa no mercado tivesse diminuído. O Sr Camilo Penna criticou a "nova onda de protecionismo, que nos assusta" e a "insensibilidade mundial" para com os problemas dos países em desenvolvimento.

O Ministro foi, com seu discurso, muito além do tempo previsto, levando o coordenador dos debates, Lord Montgomery, a recorrer ao humor britânico para reduzir a extensão das discussões. Mesmo assim, Camilo Penna respondeu a algumas perguntas. Um investidor manifestou preocupação com a demora no registro de capitais estrangeiros pelo Banco Central. "O problema é apenas burocrático" disse o Ministro, "e com a virada do ano será eliminado", garantiu. Outra pergunta versou sobre a exploração de carvão. O Ministro sugeriu que os projetos serão tocados mesmo que os custos de produção (devido à qualidade do carvão brasileiro) ofereçam dificuldades de rentabilidade, comparando-se com o petróleo.

Foi dito também, em resposta a outro empresário, que a ênfase nas indústrias de uso intensivo de mão-de-obra será dada apenas nos projetos do Governo. Empresas da área do Belflex (isto é, voltadas para exportações) poderão ser de capital intensivo (poupadoras de mão-de-obra e com alta tecnologia, para competirem no exterior).

Calmon e Vidigal

O ex-presidente do Banco do Brasil e ex-Ministro da Indústria e do Comércio, Ângelo Calmon de Sá, foi talvez quem se saiu melhor nos debates, pela fluência no inglês. Sua palestra dedicou-se a descrever o sistema financeiro brasileiro. Ele reconheceu as limitações ao uso de recursos pelo sistema bancário privado e a transferência de depósitos ao longo do tempo das contas à vista para os instrumentos de poupança. No entanto, sua palestra terminou com uma nota otimista, tanto em relação à inflação quanto à balança comercial. "O Governo, pela primeira vez nos últimos anos, está seguindo uma linha muito consistente" — afirmou — "e está fazendo esforços para conter o setor estatal".

O presidente da FIESP, Luis Eulálio Bueno Vidigal, disse que "o Brasil não está enfrentando problemas além de sua capacidade de controle", mas também afirmou que "seria preciso concentrar os esforços em ganhar terreno para o setor privado". Ele reconheceu que os freios na inflação começaram a funcionar e a balança comercial a reverter em favor do país. Durante os debates, Bueno Vidigal respondeu a uma pergunta sobre os problemas sociais do Brasil, e disse que o país está trabalhando no sentido de resolvê-los, mas seria preciso ir com cuidado nessa área. Recorrendo uma vez mais ao seu humor britânico, o Lord (e Visconde) Montgomery, que dirigiu o seminário, congratulou-se com o presidente da FIESP, por sua fina veia política.

Um contraponto também estratégico foi apresentado pelo Embaixador da Grã-Bretanha em Brasília, G.W. Harding, para o qual o clima político continuará favorável aos investimentos ingleses.

Ele disse que muitos membros do Partido político da Oposição também admiram a Grã-Bretanha, e seu ativo processo político. O Embaixador fez uma espécie de mea culpa britânica pelo declínio dos investimentos ingleses como percentagem dos capitais estrangeiros recebidos pelo Brasil, e apelou aos homens de negócios de seu país para que visitem mais o Brasil.